



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

Instituto de Matemática, Estatística e Física – IMEF

Curso de Licenciatura em Ciências – EaD

Trabalho de Conclusão de Curso



## RELAÇÕES ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE QUILOMBOLA

Jaqueline Saalfeld de Freitas<sup>1</sup>

Ivane Almeida Duvoisin<sup>2</sup>

Marcia Lorena Saurin Martinez<sup>3</sup>

**RESUMO:** O artigo trata das relações existentes entre a comunidade quilombola do Quilombo Rincão das Almas e a comunidade escolar da Escola Sady Hammes, ambos localizados no município de São Lourenço do Sul, no estado do Rio Grande do Sul (RS), Brasil. Tais relações foram foco de investigação da pesquisa realizada no âmbito do Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e foi norteada pelos seguintes questionamentos: A escola Sady Hammes, localizada em Território Quilombola, leva em consideração à cultura dessas comunidades? Que tipo de relações se estabelecem entre essa comunidade escolar e a comunidade Quilombola? Para compreender essas relações foi adotada uma metodologia de cunho qualitativo utilizando-se questionários à comunidade escolar e entrevista à comunidade quilombola. Percebeu-se a aproximação real entre comunidades quilombola e escolar com relações sistêmicas necessárias e positivas, não só ao relacionamento entre ambos como também ao processo de aprendizagem dos alunos quilombolas. O estudo está caracterizado em três categorias que emergiram da análise dos conteúdos discursivos dos questionários e entrevistas, sendo elas *Afetividade Cultivada entre Duas Culturas; Relações Culturais Quilombolas na Escola; A Motivação Educacional dos Professores e os seus Limites*. A categoria Afetividade cultivada entre duas culturas está fundamentada em autores que transitam e corroboram com as ideias de Henri Wallon (2011), Janoário (2008), Archanjo (s/d). A categoria: Relações Culturais Quilombolas na Escola contam com o suporte teórico de Silva (2006), Camargo (2011), Reginatto (2013), Furtado, Sucupira e Alves (2014), Brandão (1981; 2007), Larchert e Oliveira (2013). A categoria A Motivação Educacional dos Professores e os seus Limites tem a contribuição de Miranda (2012), Freire (1991), Arroyo (2007), e Fazenda (2014). Esses teóricos contribuíram no diálogo com as respostas dos pesquisados permitindo um conhecimento mais aprofundado das relações que premeiam o relacionamento entre escola e Quilombo. Tal diálogo possibilitou o conhecimento de relações concretas de afetividade, com relações culturais em via de construção, e com a motivação dos professores e seus limites.

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: [jaquelinesaalfeld@hotmail.com](mailto:jaquelinesaalfeld@hotmail.com)

<sup>2</sup> Dra. em Educação em Ciências pelo Programa de Pós graduação Educação e Ciências (PPGEC/FURG): e-mail: [ivane.duvoisin@gmail.com](mailto:ivane.duvoisin@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação - PPGE - FAE - UFPEL Mestrado em Educação em Ciências (PPGEC - FURG) Especialização para Professores de Matemática (Pós-Mat - FURG) Graduação em Matemática Licenciatura - Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: [marcialorenam@hotmail.com](mailto:marcialorenam@hotmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE** Educação Quilombola. Relações culturais e sociais. Quilombo. Escola.

## **INTRODUÇÃO**

O Brasil é um país rico em diversidade cultural devido a existência de uma grande quantidade de diferentes culturas que enriquecem a cultura geral de nosso país com seus sabores, suas cores, suas danças, suas músicas, suas palavras típicas, entre outros.

Uma expressão dessa marcante realidade, foram os quilombos na metade sul do Rio Grande do Sul que geralmente eram constituídos de pequenos agrupamentos de escravos foragidos oriundos das charqueadas, que eram utilizados como um grande contingente de mão de obra escrava.

Com a realidade da escravidão, muitos escravos fugiam dos maus tratos de seus senhores e do trabalho forçado para as matas e campos do Brasil, tão abundantes outrora, formando assim os Quilombos, que são espaços de resistência dessas comunidades negras; por serem locais de refúgio de escravos eram configuradas a partir das mais distintas situações.

As comunidades quilombolas foram se constituindo nessa região do país de duas formas distintas: havia aqueles que se formaram muito próximos dos conglomerados urbanos, compostos por cativos urbanos, acostumados a vida citadina (a vida rural não lhes atraía por ser-lhes desconhecida), e havia também os quilombos rurais que garantiam seu sustento na forma de coleta, caça, pesca e pequenas produções rurais, esses eram mais estáveis que os de formação urbana (RUBERT, 2005, pg.34).

Com o passar dos anos muitas dessas comunidades persistiram e hoje fazem parte da realidade escolar de muitos municípios brasileiros. Tais comunidades, por serem constituídas de escravos, em sua maioria de descendência africana, têm uma cultura própria herdada das suas origens. Nesse contexto cabe os seguintes questionamentos: As escolas, localizadas em Território Quilombola levam em consideração a cultura dessas comunidades? Que tipo de relações se estabelecem entre a comunidade escolar e as comunidades Quilombolas?

A cultura segundo Maturana (1993), em seu sentido patriarcal (europeu) se define por uma série de ações e emoções que fazem nossa vida um modo que valoriza

a competição, a hierarquia, as autoridades, o poder de procriação, a apropriação de recursos e a justificação racional de controle e dominação do outro por apropriação da verdade. Neste contexto analisamos as questões pertinentes a este estudo.

Essas questões inquietavam, e mobilizaram a primeira autora desse artigo à investigar, no âmbito do seu Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), quais relações se estabelecem entre as comunidades da Escola Municipal Sady Hammes e do Quilombo Rincão das Almas, ambos localizados na área rural do município de São Lourenço do Sul no RS.

A escolha da temática para a pesquisa também se deve as nossas vivências e afinidades com grupos de minorias, como os Quilombolas, ou indígenas, pescadores artesanais, moradores da periferia e nossa inserção na Escola Municipal de Ensino Fundamental Sady Hammes.

Além da escolha de cunho pessoal, acerca da escola e da comunidade quilombola, a temática a ser estudada se deve a necessidade de repensar estas relações, pois quando questionamos trazemos à tona percepções, que muitas vezes estão lá, porém a correria do dia a dia nos impede de vê-las e conseqüentemente torna-las melhores. Desta forma, o presente trabalho busca compreender essas relações e contribuir para o seu aprimoramento. E quais são as contribuições para o aprimoramento dessas relações.

Para tanto utilizamos uma pesquisa qualitativa na qual analisamos os conteúdos discursivos dos professores, gestores da escola e do representante da comunidade quilombola. Da análise desses conteúdos delineamos três categorias que se encontram descritas e problematizadas na terceira sessão desse artigo. A explicação dos fundamentos metodológicos e a metodologia de análise que deram origem as categorias encontram-se na sessão dois. Antes de adentrar nas seções de análise e discussão de resultados da pesquisa, torna-se pertinente apresentar o contexto social da escola e comunidade quilombola.

## 1. CONTEXTO DA PESQUISA

São Lourenço do Sul é um município localizado na metade sul do Rio Grande do Sul, no Brasil. Colonizado por portugueses, alemães, africanos e pomeranos, sua economia é fortemente embasada na agropecuária, e em sua maioria, de base familiar, uma vez que a área rural comporta 98% de todo o território do município IBGE (1995). Nesse contexto encontram-se cinco Quilombos denominados Torrão, Rincão das Almas, Monjolo, Picada e Coxilha Negra, os quais buscam um desenvolvimento territorial para a permanência de seus habitantes nos Quilombos.

Destes, neste estudo será analisado o Quilombo de Rincão das Almas por ser o único próximo a uma escola, neste caso a Escola Municipal de Ensino Fundamental Sady Hammes, o que torna a escola pertencente ao território quilombola. A formação da comunidade do Quilombo Rincão das Almas é muito antiga, com vestígios da presença dos indígenas Guarani anteriores a chegada dos remanescentes de Quilombos. Segundo o Griô do Quilombo – Sr. Francisco Maximiliano Pereira Nogueira - o Quilombo surgiu depois da batalha na atual Vila do Boqueirão, durante a Revolução Farroupilha (1835–1845), na qual a vitória foi das tropas dos farrapos de Manoel Lucas de Oliveira sobre o exército militar de Francisco Pedro de Abreu.

Uma peculiaridade desse quilombo é que devido a sua localização, no meio de um conglomerado de habitações de Alemães e Pomeranos, acabaram abandonando sua cultura original de religião, danças e cantos e se converteram a Religião Evangélica Luterana. Isso ocorreu, porque, caso contrário, além de não conseguirem postos de trabalho não poderiam frequentar armazéns, salões de baile e lugares comuns a comunidade local. Dessa forma, a única parte de sua cultura original que se manteve foi o do benzimento (ato de benzer) e o conhecimento de ervas de chás para o tratamento de doenças, para espantar mau olhado e para purificar o ambiente.

Segundo Pinheiro (2014), a comunidade Quilombola do Rincão das Almas é formada por cerca de oitenta (80) famílias em seu território de aproximadamente (cinquenta hectares (50 há) de extensão. Cada família possui 3 hectares de terra. Os homens trabalham em granjas de arroz ou no Posto Coqueiro e as mulheres cuidam da terra, da horta, plantam alimentos para seus animais, criam aves, vacas e cabras. A maior parte das terras quilombolas são áreas de preservação permanente (APP) ou

terra dobrada<sup>3</sup>, o que diminui consideravelmente o seu aproveitamento, mesmo assim, eles têm um grande respeito pela natureza e nenhuma família avança nas APPs.

Existem hoje no Quilombo cerca de quarenta e oito (48) crianças, sendo que só ingressam na escola, na fase pré-escolar com os cinco (5) anos completos. No momento da realização dessa pesquisa, são trinta (30) crianças que estão em idade escolar todas elas frequentando a Escola Municipal de Ensino Fundamental Sady Hammes.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Sady Hammes, local onde se realizou a pesquisa, pertence ao quinto (5º) Distrito do Município de São Lourenço do Sul denominado Coqueiro, situado na área rural onde encontra-se o Quilombo Rincão das Almas, o que caracteriza a escola como pertencente a Território Quilombola.

A escola tem duzentos e oitenta (280) alunos, funciona nos turnos manhã e tarde e atende de 1º ao 9º ano. Conta com vinte e oito (28) professores atuantes entre ensino básico de 1º a 5º ano e fundamental de 6º a 9º ano. Além dos alunos oriundos dos quilombos, existem também aqueles que mesmo não sendo quilombolas, os quais são maioria na escola, frequentam a escola por serem moradores da localidade. A escola conta com transporte escolar para o deslocamento das crianças dos quilombos que moram à aproximadamente 5km de distância e também, pelo fato de ser escola localizada em território quilombola, recebe verba especial do governo federal.

A seguir passamos a descrever a metodologia utilizada na pesquisa no sentido de compreender as relações existentes entre a comunidade quilombola e a Escola Sady Hammes.

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisadora já estava inserida nesse contexto, com trabalhos voluntários e de educação ambiental, anteriores a este estudo, no Quilombo Rincão das Almas, os quais propiciaram uma aproximação da Escola Sady Hammes e seu corpo docente

---

<sup>3</sup> Terra Dobrada – Significa terra com coxilhas ou morro, ou seja de difícil aração mecânica, tendo que ser feita toda manualmente.

Griô: *substantivo masculino etn* no Brasil, indivíduo que, numa comunidade (p.ex., de âmbito religioso ou folclórico), detém a memória do grupo e funciona como difusor de tradições.

nas festas e atividades desta junto ao Quilombo.

Já havia conhecimento da cultura da comunidade quilombola, considerando suas necessidades e expectativas com relação a escola. Posteriormente, foi identificado se as questões pertinentes à cultura dos Quilombolas locais estão inseridas no dia a dia da escola e dos professores, e entender o ponto de vista da escola em como os professores percebem a questão da escola em território Quilombola, zona rural, e como desenvolvem pedagogicamente este entendimento. Somado ao fato de compreender acerca dos aspectos e características presentes nos estudantes quilombolas de acordo com a percepção dos professores e gestores da escola.

A pesquisa é qualitativa e busca identificar as relações existentes entre a comunidade quilombola e a comunidade escolar. Para tanto, segundo Martins (2004) há cuidados necessários a aplicação das pesquisas qualitativas, as quais são amplamente utilizadas por pesquisadores de cunho social e antropológico, entre esses cuidados necessários destaco o citado abaixo.

[...] os cientistas sociais tendem frequentemente a tomar como objeto de investigação grupos sociais com os quais têm alguma identificação política. Neste caso, temos que estar constantemente alertas, especialmente quando usamos metodologia qualitativa, para que, em vez de cientistas, não nos transformemos em militantes de uma causa ou de um movimento, que olham e procuram entender a realidade não como ela é, mas como gostaríamos que ela fosse. (MARTINS 2004, pag. 296)

Quando acontece uma investigação dessa natureza, com grupos sociais próximos ao pesquisador, é necessário o “afastamento” pessoal do tema pesquisado, de forma a colher as informações necessárias sem interferir ou influenciar nas mesmas.

A coleta das informações foi realizada por meio de questionários respondidos pelos professores, pela Supervisão pedagógica da Escola Sady Hammes e por entrevista à uma moradora representante do Quilombo de Rincão das Almas. Os professores responderam nove (9) perguntas cada, a Supervisão da escola sete (7) perguntas, e o para a representante do Quilombo, moradora Rosangela Nogueira Pereira, foram realizados (nove) 9 questionamentos. As entrevistas foram realizadas mediante a assinatura do termo livre e esclarecido (Anexo I)

Dos sete professores entrevistados, uma professora era a responsável pela Supervisão escolar e formada em Licenciatura em Pedagogia a qual em parceria com a Orientadora Pedagógica da Escola faz um trabalho de orientação aos professores no preparo das aulas; sendo que um dos temas trabalhados por ela, junto aos professores, foi a questão da escola estar localizada em Território quilombola.

A fim de manter o anonimato dos professores decidiu-se identifica-los pelos códigos P1, P2, P3 ...P7; a Supervisão por S1 e a responsável do Quilombo por Q1. A tabela 1, abaixo contém a listagem dos professores, com suas respectivas formações, o tempo de atuação na escola e as disciplinas em que atuam.

**Tabela 1: ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES DA ESCOLA SADY HAMMES**

Professor	Formação	Tempo de Formação	Tempo em Escola
P1	Licenciatura em Ciências Biológicas	5 anos	3 anos
P2	Licenciatura em Geografia	10 anos	2 anos
P3	Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura	17 anos	8 anos
P4	Licenciatura em Filosofia	5 anos	1 ano
P5	Artes Visuais Licenciatura	6 anos	4 anos
P6	Licenciatura em História	18 anos	6 anos
P7	Licenciatura em Pedagogia	20 anos	10 anos

Os questionamentos feitos a supervisão da escola foram estruturados de maneira a compreender como a escola percebe a questão quilombola em seu meio, como trabalha essa questão e qual a relação com alunos e o quilombo, para tanto foram feitos os seguintes questionamentos: Qual o número total de alunos matriculados na escola? Desses, quantos pertencem ao Quilombo Rincão das Almas? A escola recebe alguma verba, ou material pedagógico por estar situada em Território Quilombola? Se sim quais ou o que? Há conhecimento, por parte da comunidade escolar sobre as políticas públicas e os incentivos governamentais para as escolas em Território Quilombola? A escola interage de alguma maneira com a comunidade quilombola? Como é a relação dessas crianças e dessa comunidade com a escola? Existe alguma dificuldade inerente à esses alunos? Existe alguma proposta diferenciada no currículo escolar ou na proposta pedagógica para resgatar e valorizar a cultura desses povos? A escola possui algum espaço específico para que a comunidade Quilombola interatue com a escola? Esses dados foram organizados em tabelas como a exemplificada à baixo

Os questionamentos feitos a supervisão da escola foram estruturados de maneira a compreender como a escola percebe a questão quilombola em seu meio, como trabalha esta questão e qual a relação com alunos e quilombo. Esses dados foram organizados em tabelas como a exemplificada à baixo

**TABELA 2: Entrevista com o Supervisor da Escola S1**

Perguntas	Respostas
1) Qual o número total de alunos matriculados na escola? Desses, quantos pertencem ao Quilombo Rincão das Almas?	Tem 280 alunos sendo cerca de 30 do Quilombo
2) A escola recebe alguma verba, ou material pedagógico por estar situada em Território Quilombola? Se sim quais ou o que?	A escola recebe muito material didático do MEC e Universidades e na merenda escolar sei que tem um valor a mais por ser escola em território quilombola, mas a escola não recebe a secretaria de educação recebe compra a merenda e nos repassa, só sei que vem a verba e a nossa merenda é bem reforçada com comida e frutas sempre.
3) Há conhecimento, por parte da comunidade escolar sobre as políticas públicas e os incentivos governamentais para as escolas em Território Quilombola?	Isso que te falei sim, e sempre que sabemos de algo novo corremos atrás.
4) A escola interage de alguma maneira com a comunidade quilombola? Como é a relação dessas crianças e dessa comunidade com a escola? Existe alguma dificuldade inerente à esses alunos?	A comunidade quilombola é sempre bem recebida aqui, eles ajudam muito, os outros pais também, semana passada através do quilombo eles conseguiram uma Griô que veio através da Universidade Federal de Pelotas para contar histórias para os pequenos e dar uma palestra sobre cultura para os maiores foi bem legal, a relação com as crianças do quilombo é muito boa são muito amorosos e educados, gentis, quanto a dificuldade, nós temos aqui na escola mais alunos portadores de necessidade especial do que quilombolas cerca de 30%, sendo que somente 20% dos alunos da escola são do quilombo e muitos alunos com necessidade especial ou déficit de atenção são do quilombo, então a dificuldade é esta, pois é sempre um desafio né.
5) Existe alguma proposta diferenciada no currículo escolar ou na proposta pedagógica para resgatar e valorizar a cultura desses povos?	Existe sobre educação do campo muito, e do quilombo em datas específicas em novembro sempre fizemos uma semana de diversas atividades para a cultura africana o conteúdo em sala de aula tem que dialogar com o tema sempre também, acho que é isso.
6) A escola possui algum espaço específico para que a comunidade Quilombola interatue com a escola?	Específico não mas estamos sempre abertos a sugestões pedidos, muitas festas da escola acontecem no quilombo, festa junina por exemplo e eles são muito participativos.



As questões ao membro do quilombo se deram com o intuito de descobrir, além do número de integrantes do mesmo as relações com a comunidade escolar, as dificuldades e facilidades da mesma, e as expectativas em relação a escola.

**TABELA 3: Perguntas e respostas a representante do Quilombo. (Q1)**

Pergunta	Resposta
1) Quantos moradores existem hoje no quilombo? Quantas crianças?	325 pessoas, 80 famílias, 48 crianças, 30 em idade escolar.
2) Quantas crianças estão em idade escolar, todas frequentam a escola? Qual escola frequentam?	30 crianças e sim frequentam a escola Sady Hammes
3) A escola interage de alguma maneira com a comunidade quilombola? Como é a relação dessas crianças e dessa comunidade com a escola? Existe alguma dificuldade inerente à esses alunos?	A escola tem muito boa relação com a gente fazem festa aqui e tudo e as crianças tem muitas que não conseguem aprender direito nem falar as vezes, fazer conta, mas vão pra escola e aprendem, chega a ser mágico de se ver, a escola ajuda muito nesse sentido pois ver as nossas crianças capazes de se virar sozinho é muito bom
4) Como o Conselho considera (vê) a escola no contexto da vida dos Quilombolas? Considera importante? por que?	Sim a escola é muito importante como disse antes ensina todas as crianças, até aquelas que a gente tem dificuldade aqui é importante para dar uma chance pro moleque de ver outra realidade e que o estudo ajuda na vida do campo sim nem que seja para não ser passado pra trás.
5) Como a escola poderia contribuir mais com a comunidade Quilombola?	Puxa a gente gostaria de ver nossos canto nas festas, nossos artesanato ensinado lá, mas ta bõo assim, devagar a gente chega lá, eles tem vindo mais conversa com a gente e ensina a gente a como prender a atenção dos que tem dificuldade de aprende e é muito bõo e a gente é muito gracedido.
6) O que o Quilombo gostaria que fosse acrescentado no ensino das crianças e dos jovens?	Ta bõo assim eles aprende a cuidar da terra, a ler escrever fazer conta, lá na escola e com nós aqui aprendem a cuidar da natureza, que a terra mesmo pouca, 3 hectares né fia, dá pra vive com o suficiente pra família e que demais não é necessário, acho que a gente poderia ensinar pros outros lá do colégio que os veneno estraga as planta e a saúde das pessoa que tem que se respeitar os mais velho sempre a importância da natureza pra nossa vida essas coisa sabe.
7) Quais os objetivos do Quilombo com relação a comunidade escolar, em se tratando de proposta pedagógica, gestora e estrutural?	Não entendi direito mas nessas coisa da escola eles tão bem lá e vem se chegando aqui cada dia mais, quando tiverem prontos a gente ajuda com o que puder e tiver necessidade.

Para os professores foram feitas perguntas visando descobrir como percebem a questão quilombola em sala de aula, se a incluem em seu planejamento, como

trabalham, qual a relação com os alunos do quilombo. Na tabela 4, a referida entrevista realizada com os professores.

**Tabela 4: Entrevistas com os professores**

1) Existe alguma proposta diferenciada no currículo escolar ou na proposta pedagógica para resgatar e valorizar a cultura desses povos?	
Professor	Resposta
P1	No PPP não especificamente, mas no currículo nas orientações que recebemos sempre somos orientados a observar que somos uma escola do campo, então sempre nos conteúdos que me permitem eu abordo o tema de forma mais demorada e com o olhar voltado para o campo. Quanto à questão quilombola, a gente sabe do quilombo e dos alunos, mas nunca recebi nenhuma orientação a respeito, acho que deve ser por que estas questões são mais diretas a história, geografia, português né.
P2	A coordenação da escola sempre pede para que tenhamos um olhar, sobre este tema no planejamento e em sala de aula.
P3	Nossa escola é localizada em Território Quilombola, então a coordenação da escola sempre pede para que abordemos temas relacionados a cultura quilombola.
P4	A coordenação da escola orienta a este resgate cultural.
P5	Como eu disse ante sim existe, e eu trabalho máscaras, pinturas, danças, letras de músicas
P6	É orientado a sempre que possível a inserção do tema no currículo.
2) Existe alguma proposta pedagógica para o Ensino que leve em consideração as questões rurais, ou relacionados a comunidade Quilombola? Quais conteúdos disciplinares são trabalhados?	
Professor	Resposta
P1	A questão do campo como falei, quando estudamos solo agricultura, lixo, degradação do solo, tudo ligado a clima, terra, plantas, lixo sempre foco mais e demoro mais, trazendo para a realidade deles os contextos, quanto a comunidade quilombola como falei sempre trato dentro do tema educação do campo pois eles também vivem da terra né, mas só assim.
P2	Sim existe, como falei antes e eu trabalho, sempre que o conteúdo permite dentro do tema, como questão de território, pertencimento, ou outro que surja.
P3	Sim existe, e eu particularmente trabalho muitos textos, leituras, redação sobre o tema, todos os anos produzem rico material que na semana de consciência negra é exposto a toda a comunidade escolar que sempre se faz presente nas diversas atividades da escola em novembro.
P4	Sim existe, na minha disciplina sempre levo textos e promovemos debates sobre o tema.
P5	Como eu disse ante sim existe, e eu trabalho máscaras, pinturas, danças, letras de músicas
P6	Sim à escola tem proposta pedagógica, Olha sempre que o currículo pede eu trabalho o tema em sala de aula, tipo quando o tema é escravidão, colonização, ou outros.
3) Tem algum aluno pertencente ao Quilombo Rincão das Almas? Como é a relação dessas crianças e dessa comunidade com a escola? Existe alguma dificuldade inerente à esses alunos?	
Professor	Resposta
P1	Tenho alunos do Quilombo em praticamente todas as turmas que tenho, a relação das crianças é boa, são bastante amigáveis, a dificuldade existente, mas não somente com eles em específico são referentes a alunos portadores de necessidade

	especial ou de déficit de aprendizagem, os alunos do quilombo, muitos tem algum tipo de dificuldade, não só na minha disciplina mas no geral.
P2	Sim, todos tem uma boa relação, a única dificuldade é o déficit de atenção que alguns apresentam, mas outros alunos também tem.
P3	Sim tenho, a relação deles é muito boa com todos, pois são muito gentis e cordatos, a única dificuldade, não só com eles, é o déficit de atenção e alguns portadores de necessidade especial, pois principalmente em relação a escrita e leitura temos muita dificuldade, embora nos anos finais, mas com paciência e muito trabalho, muitos avançam consideravelmente.
P4	Sim, a relação é boa e cordial, e não tenho nenhuma dificuldade.
P5	Sim, é uma boa relação, não tenho dificuldades
P6	Sim, é uma boa relação, tem alguns alunos portadores de necessidade especial e déficit de atenção, não só do quilombo, mas em toda a escola.
4) Ao realizar o planejamento das aulas, você leva em consideração as questões socioculturais manifestadas pelos alunos quilombolas? Se sim, de que forma?	
Professor	Resposta
P1	Bem como eu disse normalmente as perguntas deles giram em torno da educação do campo, tipo cuidado com a terra, tipos de adubo, modo de fazer mudas, como os outros, a única pergunta assim mais diferente foi sobre anemia falciforme por que o irmão de uma aluna estava com a doença, mas ai fizemos um trabalho e sim sempre levo em consideração as perguntas deles, mas como te disse as questões diretas do quilombo trato como educação do campo, pelo menos até dominar o assunto né, o que vou começar a fazer.
P2	Sim, sempre que eles, estão com algum assunto eu procuro abordar e explicar, aproveitando a curiosidade dos alunos.
P3	Sim, conforme orientação da Coordenação pedagógica sempre considero em meus planejamentos o tema e além deles caso surja algum tema pelos alunos que tenham relevância a disciplina sempre aproveito e explico.
P4	Sim levo, sempre procuro inserir textos e promover debates no meio do currículo que abordem o tema.
P5	Eu levo em conta a orientação pedagógica da escola e sim se vejo algum interesse artístico dos alunos em algum tema e puder encaixá-lo no currículo eu abordo.
P6	No planejamento não, mas em sala de aula se surge alguma dúvida ou levantam algum assunto pertinente a disciplina eu abordo e explico.

Após a tabulação, as respostas foram lidas várias vezes e comparadas às dos diversos entrevistados no sentido de compreender as relações existentes entre essas comunidades e obter categorias de análise significativas aos questionamentos da pesquisa.

### 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Da leitura atenta e da análise realizada foram identificadas três categorias fortemente presentes na discussão, são elas: a **afetividade cultivada entre duas culturas; relações culturais Quilombolas na Escola; a motivação educacional dos professores e os seus limites.**

A partir de agora passo a problematizar as três categorias para compreender como cada uma delas é percebida pelos atores desta investigação.

#### 3.1 A AFETIVIDADE CULTIVADA ENTRE DUAS CULTURAS

É relevante uma pesquisa que investiga as relações entre quilombo e comunidade escolar para compreender como a educação pode contribuir para essas relações e para a valorização da cultura quilombola.

A afetividade, segundo o dicionário Michaelis, é o conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados, vivenciados, na forma de sentimentos e emoções, neste caso foi dos objetos de estudo analisado

Surpreendeu-nos observar que existe uma relação de afetividade bastante presente nas falas dos professores e supervisora que são reveladoras. Esse fato é evidenciado quando questionado sobre a interação da escola com a comunidade quilombola e como é desenvolvida essa relação entre as crianças e a comunidade, bem como a existência ou não de alguma dificuldade inerente à esses alunos inseridos.

A comunidade quilombola é sempre bem recebida aqui, eles ajudam muito, os outros pais também, semana passada através do quilombo eles conseguiram uma Griô que veio através da Universidade Federal de Pelotas para contar histórias para os pequenos e dar uma palestra sobre cultura para os maiores foi bem legal, a relação com as crianças do quilombo é muito boa são muito amorosos e educados, gentis, quanto a dificuldade, nós temos aqui na escola mais alunos portadores de necessidade especial do que quilombolas cerca de 30%, sendo que somente 20% dos alunos da escola são do quilombo e muitos alunos com necessidade especial ou déficit de atenção são do quilombo, então a dificuldade é esta, pois é sempre um desafio né.  
(PROFESSOR P1)

Aqui percebemos a interação entre escola e Quilombo, os quais se ajudam mutuamente, assim como percebemos a afetividade presente nesta relação, bem como a preocupação com a aprendizagem, não só dos alunos quilombolas como também dos demais que apresentam problemas de aprendizagem, neste sentido Henri Wallon (s/d) nos mostra o seu entendimento sobre o que é afetividade, assim como explica o quão importante ela é para o desenvolvimento do ser humano, seja ele pessoal, acadêmico ou emocional.

Assim como ela, toda pessoa é afetada tanto por elementos externos - o olhar do outro, um objeto que chama a atenção, uma informação que recebe do meio - quanto por sensações internas - medo, alegria, fome - e responde a eles. Essa condição humana recebe o nome de afetividade e é crucial para o desenvolvimento. (WALLON (s/d), apud SALLA (2011))

Esta teoria interacionista de Henri Wallon, além de explicar o que é afetividade, mostra qual a importância da afetividade na comunidade escolar, assim como a mesma colabora com o processo de aprendizagem dos alunos.

Assim percebemos que a afetividade existente também contribui para o processo de aprendizagem, que é uma preocupação demonstrada na fala de P1.

Ainda analisando as relações sociais entre Quilombo e Escola, aqui mais propriamente a relação de afetividade trazemos uma fala de Janoário, que nos mostra que essas relações vão além da cordialidade e civilidade implícita, pois implicam nas práticas sociais e pedagógicas as quais são a base para o conhecimento,

[...] implica desconstruir referências ideológicas, esclarecer referências teóricas, desvendar práticas sociais, ressignificar práticas pedagógicas, posicionar-se politicamente e situar-se socialmente. Nesse emaranhado de significados, contextualizar as relações sociais pode ser útil para exemplificar, contrapor, ampliar o conhecimento da diversidade humana, [...]. (JANOARIO, 2008, p. 56).

Quando questionados se tinham alunos do Quilombo, como se dá a relação com os mesmos e se apresentam alguma dificuldade percebemos que todos os professores entrevistados têm alunos quilombolas em suas turmas, como relataram, em todas as turmas que dão aula tem pelo menos um aluno do Quilombo.

Sim tenho, a relação deles é muito boa com todos, pois são muito gentis e cordatos, a única dificuldade, não só com eles, é o déficit de atenção e alguns portadores de necessidade especial, pois principalmente em relação a escrita e leitura temos muita dificuldade, embora nos anos finais, mas com paciência e muito trabalho, muitos avançam consideravelmente. (PROFESSOR P3)

Sim, é uma boa relação, tem alguns alunos portadores de necessidade especial e déficit de atenção, não só do quilombo, mas em toda a escola. (PROFESSOR P6)

Quanto as dificuldades de aprendizagem dos alunos as respostas são unânimes afirmando que não existe nenhuma dificuldade, salvo a questão de alguns apresentarem alguns problemas de aprendizagem, que não são exclusivos das crianças dos quilombos, pois existem diversos alunos, mesmo os não quilombolas, com as mesmas dificuldades. Isso caracteriza que a problemática com a aprender não está relacionada a questão étnico racial, mas, a outras relações na escola.

“Alunos com necessidades especiais” é uma categoria socialmente construída que se emprega para situar determinados alunos em opções educativas segregadoras. As famílias de tais alunos não possuem o “capital cultural” necessário para transmiti-lo a seus filhos e, por isso, não poderão adaptar-se às exigências acadêmicas do sistema escolar. A maioria das crianças que são categorizadas dentro da educação especial normalmente provém da classe trabalhadora e de minorias étnicas (...) (ARCHANJO (s/d))

Assim como Archanjo (s/d) identifico que todas as famílias que utilizam a escola são de classes proletárias, incluindo as famílias do Quilombo, nosso conhecimento prévio da realidade quilombola também nos mostra que ali existem várias relações consanguíneas, o que também contribui para algumas necessidades especiais de aprendizado.

Ao indagar se na proposta pedagógica são levadas em conta as questões rurais ou quilombolas e como são trabalhadas a grande maioria dos professores diz receber orientações para o trabalho com a educação quilombola, seja no currículo escolar ou na proposta pedagógica da escola.

A questão do campo como falei, quando estudamos solo agricultura, lixo, degradação do solo, tudo ligado a clima, terra, plantas, lixo sempre foco mais e demoro mais, trazendo para a realidade deles os contextos, quanto a comunidade quilombola como falei sempre trato dentro do tema educação do campo pois eles também vivem da terra né, mas só assim. (PROFESSOR P1)

Sim à escola tem proposta pedagógica. Olha, sempre que o currículo pede eu trabalho o tema em sala de aula, tipo quando o tema é escravidão, colonização, ou outros. (PROFESSOR P6)

Aqui percebemos nas falas que os professores afirmam existir proposta pedagógica e que trabalham a educação quilombola, mas como vemos eles entendem educação quilombola como temas e quando os mesmos aparecem no currículo julgam contemplada esta questão, percebo aqui uma orientação com visão eurocêntrica, e uma orientação que, no meu entendimento, peca ao dar voz a cultura da comunidade local.

Quando, ainda nesta linha são questionados se existe no currículo proposta de valorização da cultura local eles respondem de forma afirmativa, porém juntando as duas respostas parecem confusos quanto a esta orientação e a como trabalhar em sala de aula com educação quilombola

Como eu disse ante sim existe, e eu trabalho máscaras, pinturas, danças, letras de músicas (PROFESSOR P5)

É orientado a sempre que possível a inserção do tema no currículo. (PROFESSOR P6)

Quando analisamos o que nos diz o texto base para elaboração das diretrizes curriculares da educação escolar quilombola percebemos a falta de orientação específica destes professores e supervisão, pois não basta saber que é uma escola situada em território quilombola para se aplicar uma educação quilombola.

Ao dialogar e incorporar os conhecimentos da realidade local dos quilombolas em diálogo com o global, o currículo terá como eixo principal: o trabalho, a cultura, a oralidade, a memória, as lutas pela terra e pelo território e pelo desenvolvimento sustentável dessas comunidades. Significa que a orientação de todas as disciplinas que deverão dialogar transdisciplinarmente entre si deverá ser a vivência sócio histórica dos conhecimentos e aprendizagens construídos no "fazer quilombola" (BRASIL, 2011, p.32).

A afetividade é presente e sentida tanto nas falas e quanto nas reações dos professores e da supervisão, bem como do Quilombo, pois, verificamos que ambos respondem afirmativamente a esta questão como também é perceptível o carinho presente nos olhares, ao falarem um do outro como percebemos na resposta do quilombo Q1 a questão de saber se se há interação entre escola e Quilombo, e como se dá esta interação

“A escola tem muito boa relação com a gente fazem festa aqui e tudo e as crianças têm muitas que não conseguem aprender direito nem falar as vezes, fazer conta, mas vão pra escola e aprendem, chega a ser mágico de se ver, a escola ajuda muito nesse sentido pois ver as nossas crianças capazes de se virar sozinho é muito bom” (QUILOMBO Q1)

O Quilombo vê como positiva a relação com a escola, estando satisfeitos com a realização de atividades da escola em seu espaço físico, assim como veem a importância da ação da escola na vida de suas crianças.

Na sequência a questão que fala sobre o que seria importante de ser acrescentado no ensino da escola e a sua relevância novamente Q1 reafirma o sentimento de satisfação com a escola e o seu entendimento de como os ensinamentos da escola refletem em sua realidade local.

“Sim a escola é muito importante como disse antes ensina todas as crianças, até aquelas que a gente tem dificuldade aqui é importante para dar uma chance pro moleque de ver outra realidade e que o estudo ajuda na vida do campo sim nem que seja para não ser passado pra trás.” (QUILOMBO Q1)

O Quilombo exalta a participação da escola para a vida de suas crianças, a escola por outro lado respeita e valoriza esta relação positiva de reconhecimento.

Como se vê, é complexa, mas não impossível, a tarefa de tratar de processos de ensinar e de aprender em sociedades multiétnicas e pluriculturais, como a brasileira. Abordá-los pedagogicamente ou como objeto de estudos, com competência e sensatez, requer de nós, professores(as) e pesquisadores(as): não fazer vista grossa para as tensas relações etnicorraciais que “naturalmente” integram o dia-a-dia



de homens e mulheres brasileiros; admitir, Educação (SILVA 2006 p.492-493)

Desta forma percebemos que embora seja complexa a relação entre comunidade escolar e Quilombo ela é possível e concreta no objeto de estudo.

A sutileza que premeia as relações existentes entre comunidade escolar e Quilombo é latente e sólida, perceptível em vários momentos ao longo da entrevista.

Nas respostas da Tabela 3 também é evidente a existência dessa afetividade, na resposta a onde se pergunta sobre a interação ou não entre escola e Quilombo e a relação das crianças, assim como se existe alguma dificuldade percebemos que a há esta relação de interação, pois a comunidade quilombola é muito participativa.

“A comunidade quilombola é sempre bem recebida aqui, eles ajudam muito [...]”,  
(SUPERVISÃO S1)

Como nos mostra esta fala a escola tem grande carinho e receptividade com a comunidade quilombola, o que segundo a mesma fala tende a ser recíproco.

Ou na resposta de P3 representando todos os demais professores que também tem a mesma opinião, quando questionado da relação entre professor e alunos do Quilombo.

“Sim tenho, a relação deles é muito boa com todos, pois são muito gentis e cordatos [...]” (PROFESSOR P3)

Esta fala nos mostra a relação dos alunos com os professores, os quais são fortemente elogiados, mostrando uma relação de afetividade consolidada e presente.

As relações de afetividade são extremamente importantes no processo de aprendizagem, entre educador e educando como nos diz Camargo (2011), e a mesma se torna ainda mais importante quando se dá entre comunidade escolar e comunidade quilombola, pois se consolida passando ainda mais segurança as crianças e jovens.

A afetividade (o afeto) torna-se elemento importante para a garantia do envolvimento do professor e dos alunos na tentativa de oportunizar um ensino e aprendizagens eficientes no desenvolvimento de um ambiente agradável em sala de aula, na aquisição e socialização de conhecimentos e elevação de autoestima.” (CAMARGO e SANTOS 2011 pag.9825)

As falas, tanto dos professores quanto da representante do quilombo, sinalizam que existe, de fato, uma relação afetiva que serve de ponte para que a aprendizagem se efetive.

É através da afetividade que nos identificamos e nos relacionamos com outras pessoas. Por isso, uma criança carente de afeição tende a encontrar dificuldades para se entrosar e se relacionar com as demais, o que acaba impedindo-a de participar adequadamente do processo de ensino aprendizagem. (REGINATTO 2013, pg. 2)

Como nos mostra Reginatto (2013) a falta desta afetividade pode gerar dificuldades de aprendizado e convivência, o que percebemos nas falas acima não ser a realidade hora estudada, reforçando assim as falas apontadas.

Com toda a análise deste capítulo percebemos que existe relação de afetividade entre escola e Quilombo e a mesma vem a ser extremamente importante para o processo de aprendizagem como nos mostrou Wallon (s/d) e neste sentido há a necessidade de uma orientação específica, construída no “fazer quilombola”, que nada mais é do que o respeito a cultura quilombola, associado a teoria interacionista de Wallon (s/d), onde a afetividade é peça chave para a qualidade de desenvolvimento cognitivo e aprendizado, nos mostra a importância desta interação, comprovadamente presente entre a comunidade escolar e o Quilombo hora estudados.

### **3.2 CULTURA QUILOMBOLA E A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA**

A cultura quilombola é além do modo de vida, costumes, regras sociais e história do Quilombo o que irá determinar as relações sociais com a comunidade escolar. Para tanto, cultura significa um conjunto de conhecimentos que inclui, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro.

A cultura deve ser compreendida como campo simbólico, por possibilitar aos sujeitos uma complexa rede de relações sociais, capaz de significações por meio de símbolos, signos, práticas e valores. Neste contexto, as comunidades passam a ser compreendidas a partir de suas singularidades, individualidades próprias e estruturas específicas. A cultura é percebida portanto, como um sistema de

códigos que comunicam o sentido das regras a fim de orientar as relações sociais (FURTADO, SUCUPIRA e ALVES 2014 pg. 107)

A educação e a cultura são processos complementares, embora algumas vezes se apresentem como contrários, como a educação de uma comunidade sobre a importância de não soltar balões e os seus riscos para seres humanos e natureza, ainda assim se complementam e se mostram importantes as comunidades locais por preservar e difundir a cultura local.

A educação quilombola é aquela que é desenvolvida pelas pessoas no seu dia a dia, seja na escola, na família, no trabalho, na comunidade, nas lutas sociais, nas manifestações culturais, na relação de sustentabilidade com a natureza, ou seja na forma de ser e estar com o mundo.

Conforme Brandão (1981) “a educação é como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. Ainda, destaca que as formas de educação produzidas e praticadas servem para reproduzir entre todos os que ensinam e aprendem.

“o saber que atravessa as palavra da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita”. (BRANDÃO, 2007, P.10-11)

A fala de Brandão remete-nos a refletir sobre a importância da educação e das relações sociais entre os diferentes grupos, que devem ensinar e aprender entre si, o que efetivamente na realidade atual configura a importância da proposta pedagógica das escolas, as quais devem prever e valorizar esta interação, assim como levar em conta o conhecimento empírico de seus atores sociais.

O conhecimento é a mola propulsora, independente da cultura com a qual se trabalha ele é necessário e neste caso o que os alunos do Quilombo buscam na escola, sendo as interações sociais ferramentas necessárias nesta busca, as quais quanto mais ricas e afetivas mais corroboram para a qualidade deste conhecimento.

Quando questionados se existe alguma proposta pedagógica que leve em consideração a cultura quilombola e como trabalham esta proposta demonstram existir proposta pedagógica, porém quando esclarecem a forma como trabalham em sala de aula com esta proposta se evidencia o despreparo ou falta de formação

específica na área de educação quilombola, pois principalmente na fala de P5 percebemos uma visão eurocêntrica de trabalhar, pois as máscaras e pinturas são de origem africana e não quilombola.

A questão do campo como falei, quando estudamos solo agricultura, lixo, degradação do solo, tudo ligado a clima, terra, plantas, lixo sempre foco mais e demoro mais, trazendo para a realidade deles os contextos, quanto a comunidade quilombola como falei sempre trato dentro do tema educação do campo pois eles também vivem da terra né, mas só assim. (P1) (...) sempre que o conteúdo permite dentro do tema, como questão de território, pertencimento, ou outro que surja. (PROFESSOR P2)  
Como eu disse ante sim existe, e eu trabalho máscaras, pinturas, danças, letras de músicas (PROFESSOR P5)

O relato da maioria dos professores evidencia que a escola reconhece e valoriza as questões quilombolas, procurando leva-las em consideração, em seus planos de ensino e em suas aulas, essas orientações variam de acordo com as disciplinas. Os professores, em sua maioria, buscam introduzir os temas relacionados a educação quilombola nas aulas ministradas, assim como desenvolvem projetos especiais em parceria com a comunidade quilombola, como por exemplo, a semana de consciência negra em novembro, que é trabalhada durante todo o mês. A escola busca promover uma educação diferenciada que respeite a cultura quilombola de forma que propicie uma educação inclusiva que permita ao aluno quilombola perceber sua realidade e resgatar sua cultura, assim como permite aos demais alunos perceber a importância dessa Comunidade para a cultura local. Simultaneamente é trabalhada a cultura pomerana. Possibilitando à ambos os estudantes conhecerem a realidade uns dos outros para que possam respeitar o outro como legítimo outro na convivência Maturana (2001) propiciando a superação das relações sociais discriminatórias e excludentes tão presentes na sociedade brasileira, como afirma Brasil.

A valoração cultural diz respeito ao conhecimento e a valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, as desigualdades socioeconômicas e a crítica as relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal. (BRASIL, 1997, p. 19).

No entanto, mesmo com a orientação e disposição da escola em auxiliar os professores, a análise da resposta da professora P6, à questão se existe alguma proposta pedagógica que leve em consideração a cultura quilombola e como trabalham esta proposta, mostra a limitação do educador referente a educação quilombola, quando afirma:

“Olha sempre que o currículo pede eu trabalho o tema em sala de aula, tipo quando o tema é escravidão, colonização, ou outros”. (PROFESSOR P6)

Essa fala é reveladora de que a preocupação está mais em cumprir o currículo e que a professora não vê outra maneira de trabalhar a cultura quilombola, à não ser associada a “escravidão” e a “colonização” em momento algum aparece a ideia de valorizar a cultura dessa comunidade naquilo que fazem, produzem, ou, até mesmo no seu estilo de vida e no contato com a natureza. Embora receba instruções da coordenação, encontra dificuldades na hora da prática efetiva em sala de aula. Talvez isso ocorra devido à falta de formação específica, demonstrando uma certa dificuldade na inserção da cultura quilombola.

Como nos mostra Oliveira a educação quilombola vai além do que vem sendo trabalhado atualmente na escola, conforme as falas analisadas.

A identidade se constrói com relação à alteridade. Com aquilo que não sou eu. É diante da diferença do outro que a minha diferença aparece.” O currículo da escola formal apaga diferenças que lhes são constitutivas, porque não considera as singularidades e as diferenças expressas na cultura em que está inserido. Para acender essas diferenças na escola, é necessário a prática pedagógica assumir-se afro-brasileira e impregnar-se de cultura negra rural quilombola.” (LARCHERT E OLIVEIRA 2013, p. 84)

Também podemos ver nas demais respostas à questão se existe alguma proposta pedagógica que leve em consideração a cultura quilombola e como trabalham esta proposta que há a preocupação com a educação do campo:

A questão do campo como falei, quando estudamos solo agricultura, lixo, degradação do solo, tudo ligado a clima, terra, plantas, lixo sempre foco mais e demoro mais, trazendo para a realidade deles os contextos, quanto a comunidade

quilombola como falei sempre trato dentro do tema educação do campo pois eles também vivem da terra né, mas só assim. (PROFESSOR P1)

Quando a professora diz: “só assim” revela que embora trabalhe a questão do campo, essa abordagem fica mais no campo conceitual e talvez possamos afirmar que há um predomínio de repasse das informações eurocêntricas sem dar voz aos quilombolas para saber se possuem práticas agrícolas mais ecológicas. A resposta do representante do quilombo a questão que indaga o que gostariam de ver acrescentado no ensino de suas crianças e jovens é reveladora nesse sentido:

Acho que a gente poderia ensinar pros outros lá do colégio que os veneno estraga as planta e a saúde das pessoa que tem que se respeitar os mais velho sempre a importância da natureza pra nossa vida essas coisa sabe, [...]

Fica explícita a falta de diálogo e de valorização da cultura quilombola local no trato das questões pedagógicas. É uma postura de acultramento na qual os professores, mesmo que não intencionalmente, consideram a cultura do homem branco mais valorizada do que a cultura do cotidiano quilombola.

Nas respostas, que podemos observar nas tabelas 2 e 3, novamente percebemos o indicativo de orientação sobre a importância do tema e percebemos a dúvida em alguns professores de como trabalhar, pois todos se atem ao currículo escolar e nele tentam inserir as orientações recebidas, mas como sinaliza MIRANDA (2012), há necessidade de uma formação específica que oriente esses professores e possa dar subsídios para o seu trabalho em sala de aula. Isso seria fundamental para melhorar ainda mais a qualidade de ensino da escola.

Também observamos que a orientação repassada aos docentes é genérica, ou pelo menos, os mesmos não se referem a temas que seriam essenciais ao currículo, no sentido que nos sinaliza Brasil 2011.

A Educação Escolar Quilombola não pode prescindir da discussão sobre a realidade histórica e política que envolve a questão quilombola no país. Dessa forma, os sistemas de ensino, as escolas, os docentes, os processos de formação inicial e continuada de professores da Educação Básica e Superior, ao implementarem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, deverão incluir em seus currículos, além dos aspectos legais e normativos que regem a organização escolar brasileira, a conceituação de quilombo;

a articulação entre quilombos, terra e território; os avanços e os limites do direito dos quilombolas na legislação brasileira; a memória; a oralidade; o trabalho e a cultura (BRASIL, 2011, p. 29).

Apesar das várias recomendações inseridas nos dispositivos legais, vemos que isso não é suficiente para que as culturas dessas minorias sejam valorizadas e debatidas nas escolas. Daí a necessidade premente de inserir esse debate no âmbito da formação inicial e continuada dos professores.

Das respostas aos questionamentos detectamos que os professores dizem receber orientação, porém, não aparece, de fato, o como procedem com tais orientações, pois percebemos a limitação das ações na hora de trabalhar essas questões na prática docente.

Também percebemos uma certa insegurança por parte do professor, quando se trata de conteúdo relacionado a educação quilombola, vemos que a formação dos professores que atuam nas escolas inseridas em território quilombola ainda está muito aquém do que se espera para esta realidade, não atingindo ainda os objetivos almejados.

Quando um professor (P6) diz que “No planejamento de aula não leva em consideração as questões quilombolas, mas se surge algum assunto pertinente em sala de aula referente ao assunto ele aborda”, nos faz perceber que esse professor não recebeu uma formação específica sobre educação quilombola.

pautar-se no entendimento de que o Outro é o sujeito pleno, pertencente a um grupo cultural, construtor da história e do imaginário social, reconhecido e respeitado na sua diferença étnica, religiosa, sexual etc. (...) Diante dessas reflexões, questionamos os contornos que têm tomado as políticas para a formação dos professores no Brasil, considerando que eles são também os responsáveis pela Educação das Relações Étnico-Raciais e por inserir o estudo da Cultura e da História Afro-brasileira e Africana no interior da escola. (LARCHERT E OLIVEIRA 2013, p. 12)

É evidente, nas falas dos professores, que todos tentam da melhor maneira possível tornar presente em seu dia a dia as atividades que envolvam a educação quilombola, porém, são perceptíveis as dificuldades na aplicação prática desses conteúdos. O que mais nos estranha é que os professores não vejam a possibilidade de aprender a respeito do trato com a terra com os Quilombolas, evidenciando que

não há uma relação étnico-racial pautada no entendimento *de que o outro é sujeito construtor da história do imaginário social, reconhecido e respeitado na sua diferença étnica*, como denunciam Lachert e Oliveira (2013). Ainda se conserva, na escola, uma postura do professor sabedor e repassador dos conteúdos.

Das respostas da supervisora S1 à questão que pergunta se existe alguma proposta pedagógica que inclua a cultura quilombola podemos vislumbrar a falta de formação específica aos professores, pois embora tenham imenso carinho e cuidado com a questão quilombola, essa se limita a eventos esporádicos e datas comemorativas.

Existe sobre educação do campo muito, e do quilombo em datas específicas em novembro sempre fizemos uma semana de diversas atividades para a cultura africana o conteúdo em sala de aula tem que dialogar com o tema sempre também, acho que é isso. (SUPERVISOR S1)
--

Assim se mostra novamente evidente a importância não só das relações como também da formação adequada que auxilie os professores na construção adequada destas relações, como diz Larchert e Oliveira (2013).

A pouca reflexão sobre as relações étnico-raciais na escola das comunidades quilombolas no país e o tratamento dado a essas questões, quando elas aparecem, contribuem para manutenção de práticas docentes que reproduzem a invisibilidade da cultura e da epistemologia da comunidade, contribuem para o não reconhecimento da identidade das crianças negras no cotidiano escolar (SILVA, 2007). A invisibilidade é terreno fértil para o racismo e o preconceito, cujo ocultamento nas diversas práticas de ensino, naturalizam o silenciamento e a negação do conflito que existe na dominação da ideologia imperante que não é quilombola, é branca e europeia. (LARCHERT E OLIVEIRA 2013, p. 12)

Dessa forma não vemos indicativos de reflexão do trabalho desenvolvido sobre educação quilombola, há uma orientação recebida da coordenação pedagógica e o trabalho desenvolvido pelos professores, mas a reflexão sobre este trabalho não é mencionada em nenhum momento o que nos leva a indagar se percebem a necessidade de formação específica para a educação quilombola e a importância de maior aproximação e diálogo com a comunidade; ou será que julgam eficiente a maneira como vêm desenvolvendo seus trabalhos?



Nas falas da representante do Quilombo presentes nas respostas a questão de como a comunidade percebe a importância da escola no contexto quilombola, diferentemente da atitude da escola em relação ao conhecimento dos quilombolas esses, além de demonstrarem reconhecimento da importância da escola para o quilombo, não só para a questão da aprendizagem das crianças, mas para a vida cotidiana no quilombo. Como expressa a fala da representante da comunidade quilombola:

Sim a escola é muito importante como disse antes ensina todas as crianças, até aquelas que a gente tem dificuldade aqui é importante para dar uma chance pro moleque de ver outra realidade e que o estudo ajuda na vida do campo sim nem que seja para não ser passado pra trás. (QUILOMBO Q1)

A resposta nos permite afirmar que a comunidade quilombola tem um forte apreço pela escola. Eles reconhecem que o ensino é importante para as crianças terem chances na vida deles, para que saibam que existe um forte apreço pela escola. Eles reconhecem que o ensino, o estudo ajuda na vida do campo sim nem que seja para que não sejam lesados na vida;

O surgimento de outros desafios que vão além da educação quilombola que é a inclusão de alunos portadores de necessidades especiais ou com déficit de atenção quando indagados de como a escola poderia incluir mais a cultura do Quilombo.

[...] eles tem vindo mais conversa com a gente e ensina a gente a como prender a atenção dos que tem dificuldade de aprende e é muito bom e a gente é muito grato. (QUILOMBO Q1)

É preciso repensar a forma de percepção da escola, e como nos mostra Freire esse processo não é simples nem rápido, é necessário muito diálogo, muita sensibilidade e principalmente apoio de todos os envolvidos, mas com certeza os resultados serão extremamente positivos.

Mudar a cara da escola pública implica também ouvir meninos e meninas, sociedades de bairro, pais, mães. Diretoras, delegados de ensino, professoras, supervisoras, comunidade científica, zeladores, merendeiras [...]. É claro que não é fácil! Há obstáculos de toda ordem

retardando a ação transformadora. O amontoado de papéis tomando o nosso tempo, os mecanismos administrativos emperrando a marcha dos projetos, os prazos para isto, para aquilo, um deus nos-acuda [...]. (FREIRE, 1991, p. 35 - 75).

A importância do ato de repensar nossa percepção de escola tem um grande papel nas relações entre escola e comunidade quilombola, pois nesse processo ambos teriam voz e seriam vistos com outros olhos, certamente muito mais participativos e neste processo de inclusão poderia ser o que falta para a percepção da necessidade de formação específica para os professores, com o apoio da comunidade quilombola.

Na questão onde se pergunta o que mais gostariam que fosse acrescentado no ensino de suas criança e jovens Q1 responde:

Acho que a gente poderia ensinar pros outros lá do colégio que os veneno estraga as planta e a saúde das pessoa que tem que se respeitar os mais velho sempre a importância da natureza pra nossa vida essas coisa sabe.

Percebe-se a vontade do Quilombo em ver inserido na escola seu conhecimento e cultura, neste caso de trato preservacionista e ambiental de formas de cultivo, chás e benzimento, única cultura que permaneceu latente tendo em vista que o Quilombo em questão vem em um lento processo de resgate cultural através de entidades locais e projetos, pois em seu processo de formação inicial se não se moldasse a cultura já existente, evangélica luterana, não conseguiam postos de trabalho nem serem aceitos pelos demais habitantes da localidade em armazéns, bares, salões de festas, etc.

É visível a vontade do Quilombo em ver inserida na prática escolar sua cultura, por outro lado percebe-se certa dificuldade de inserção do mesmo por parte dos professores e supervisão, não por falta de vontade, mas sim por falta de conhecimento de como fazer esta inserção.

### 3. 3. A MOTIVAÇÃO EDUCACIONAL DOS PROFESSORES E OS SEUS LIMITES

Nas respostas das questões ao quilombo percebe-se o respeito da comunidade Quilombola de Rincão das Almas com a Escola Municipal Sady Hammes quando se pergunta sobre como a comunidade quilombola percebe a importância da escola em suas vidas.

Sim a escola é muito importante como disse antes ensina todas as crianças, até aquelas que a gente tem dificuldade aqui é importante para dar uma chance pro moleque de ver outra realidade e que o estudo ajuda na vida do campo sim nem que seja para não ser passado pra trás. (QUILOMBO Q1)

A preocupação da Supervisão Escolar em atender esta comunidade da melhor maneira possível como vemos na questão que fala sobre a interação da escola e a comunidade quilombola e como é a relação com os alunos desta comunidade.

A comunidade quilombola é sempre bem recebida aqui, eles ajudam muito, os outros pais também, semana passada através do quilombo eles conseguiram uma Griô que veio através da UFPEL para contar histórias para os pequenos e dar uma palestra sobre cultura para os maiores foi bem legal, a relação com as crianças do quilombo é muito boa são muito amorosos e educados, gentis, [...] (SUPERVISÃO S1)

É perceptível a preocupação dos professores em aproveitar os saberes culturais como ferramenta do ensino, inclusive repensando a questão quilombola no que diz respeito a existência de alguma proposta pedagógica para valorização da cultura local.

No PPP não especificamente, mas no currículo nas orientações que recebemos sempre somos orientados a observar que somos uma escola do campo, então sempre nos conteúdos que me permitem eu abordo o tema de forma mais demorada e com o olhar voltado para o campo. Quanto à questão quilombola, a gente sabe do quilombo e dos alunos, mas nunca recebi nenhuma orientação a respeito, acho que deve ser por que estas questões são mais diretas a história, geografia, português né. (PROFESSOR P1)

A coordenação da escola sempre pede para que tenhamos um olhar, sobre este tema no planejamento e em sala de aula. (PROFESSOR P2)  
É orientado a sempre que possível a inserção do tema no currículo. (PROFESSOR P6)

Vemos a vontade dos professores em inserirem, de maneira adequada, a cultura quilombola no cotidiano escolar, assim como, é visível a intenção da Coordenação Pedagógica e da Supervisão de chamar a atenção dos professores para a necessidade de incluir a temática da cultura quilombola em seus planejamentos.

Entretanto, simplesmente saber que precisa ser incluído ou ser lembrado constantemente da importância dessa inclusão não nos garante que a mesma seja feita adequadamente; é necessário pensar, repensar, problematizar essas questões até que se chegue a um resultado satisfatório para a escola e quilombo. Talvez possa-se iniciar observando as práticas positivas de colegas da escola e seguir por uma formação específica.

Como diz ARROYO (2007, P. 165), a importância das propostas de formação docente que tragam elementos como organização de espaços, a história da África, cultura e memória dos afrodescendentes. Com base nisso, acrescentamos que a inclusão da realidade local dos quilombos é necessária para o adequado preparo dos docentes responsáveis pelo ensino nessas escolas.

É difícil que sem uma orientação específica os professores em seu atribulado dia a dia tenham o conhecimento necessário para trazerem as suas aulas uma educação quilombola de qualidade, ou a própria supervisão orientar adequadamente seus professores, mesmo que haja muito boa vontade por parte de ambos, sem o conhecimento necessário não haverá avanços significativos.

Esta dificuldade não é exclusiva da escola Sady Hammes conforme MIRANDA (2012), apontadas as questões de ensino as quais nos mostram a deficiência de formação a nível nacional, a falta de recursos para estas formações, e conseqüentemente a dificuldade dos municípios que são a ponta do sistema, sem estas condições de propiciar aos professores da rede as condições necessárias ao desenvolvimento da educação quilombola. E mesmo assim com o esforço diário reconhecido pelos quilombolas e comunidade escolar avança diariamente, apoiado nas relações entre as diferentes culturas, com base no respeito mútuo, gentileza e

cordialidade entre todos e com isso todos saem ganhando seja pelos resultados obtidos na escola seja pelas amizades conquistadas.

Com nossa participação nas atividades da escola anterior a este estudo percebemos uma maior interação dos professores das séries iniciais referente a cultura quilombola sendo perceptível a facilidade e desenvoltura com que os professores das séries iniciais trabalham e desenvolvem os temas relacionados a questões quilombola, inclusive trazendo elementos da comunidade para a escola, atribuo esta facilidade ao fato de sozinhos pensarem e atuarem, pois seu currículo de trabalho é articulado em eixos de forma que permite aos alunos criarem redes e conexão lógica sobre os temas propostos, o que certamente é um aprendizado para todos, pois mostra a importância desta atuação que deveria se estender ao professores dos anos finais como agente facilitador de conteúdo e conhecimento, por quê além de ser pensado de forma conjunta ele garante que o tema abordado transite por várias semanas e horários, sendo abordado por vários aspectos e curiosidades proporcionando um melhor aprendizado dos alunos, conforme FAZENDA (2014)

Ainda referente a formação específica conforme Nascimento (s/d p.9) o ensino de história e cultura afro brasileira, obrigado pela lei nº. 10.639/2003, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, veio com a força da lei, mas sem o aporte necessário a sua aplicação de fato no cotidiano escolar, para tanto se faz necessário o amplo acesso a materiais, livros e equipamentos pedagógicos que tratem especificamente as questões étnico raciais, tanto para professores como para alunos.

Mas segundo as entrevistas se percebe a falta de material pedagógico de apoio, a falta de formação específica na área e a percepção do precisam ensinar especificamente aos seus alunos neste contexto sócio cultural latente.

Neste sentido Nascimento aborda com muita simplicidade a questão mais básica de todas, qual o objetivo e resultados a serem alcançados com esta inclusão?

O que se vislumbra, então, é que o processo educativo formal contemple a perspectiva de dar sentido aos conteúdos, à aprendizagem, ao conhecimento. Espera-se desse modo que crianças, adolescente e jovens, na relação com a natureza histórica e cultural consigam portar-se, manter-se e situar-se dentro da comunidade, nos diversos níveis de ensino e, principalmente, na disputa por um projeto de sociedade mais, justa, fraterna e plural. (NASCIMENTO (s/d. p. 13)

Assim como surgem os desafios eles vão sendo tratados com seriedade pela escola e pela rede municipal de ensino, barrando muitas vezes na disponibilidade de recurso financeiro para se realizar uma formação mais detalhada e específica para a cultura quilombola, pois em relação a inclusão o município já é referência no estado, onde todas as escolas já possuem sala de recursos e capacitação, e acredito que neste caminho seguirá a educação quilombola, pois onde temos o interesse dos professores, o apoio e reconhecimento da comunidade a participação direta e atuante da direção da escola e principalmente o reconhecimento da necessidade de avançar mais nas questões pertinentes a educação quilombola temos terreno fértil para o futuro e após a análise das entrevistas digo que temos também a semente necessária e que acredito que é questão de tempo até termos as demais condições necessárias para a formação específica a esta escola.

Quando vamos falar de formação continuada, ou específica, neste caso não podemos deixar de levar em consideração a realidade escolar do município onde estão inseridos escola e Quilombo. No município de São Lourenço do Sul não é diferente do resto do Brasil, pois embora as inúmeras formações e capacitações que recebem anualmente todos os professores da rede municipal de ensino, nenhuma formação é específica para a questão quilombola, como percebemos nas entrevistas com os professores da escola Sady Hammes quando os mesmos relatam as atividades desenvolvidas em sala de aula.

Nestas falas, que não se diferem substancialmente umas das outras, percebemos a importância que a escola dá ao fato de se localizar em território quilombola e o resultado da insistência da coordenação pedagógica e supervisão em inserir no currículo o tema da cultura quilombola, pois todos os entrevistados sinalizaram nas orientações recebidas neste sentido.

Ao mesmo tempo falta, como diz Brasil 2011 a incorporação dos conhecimentos relativos a realidade local da comunidade, os quais não estão presentes em nenhuma das falas acima.

Ao dialogar e incorporar os conhecimentos da realidade local dos quilombolas em diálogo com o global, o currículo terá como eixo principal: o trabalho, a cultura, a oralidade, a memória, as lutas pela terra e pelo território e pelo desenvolvimento sustentável dessas comunidades. Significa que a orientação de todas as disciplinas que deverão dialogar transdisciplinarmente entre si deverá ser a vivência sócio histórica dos conhecimentos e aprendizagens construídos no „fazer quilombola “ (BRASIL, 2011, p.32).

Como aponta MIRANDA (2012), as questões de ensino quilombola, assim como educação do campo ou indígena são ainda muito recentes no Brasil, ainda carentes de legislação específica que determine o tipo de formação continuada necessária para a sua aplicação, assim como programas próprios de financiamento para estas atividades.

A educação escolar indígena e a educação do campo figuram no âmbito das políticas educacionais recentes, produzindo desestabilizações, entre as quais podemos considerar a necessidade de legislações específicas, de programas próprios de financiamento e formação docente, a ampliação das concepções de gestão da escola, a elaboração de currículos diferenciados. É possível, então, considerar a emergência de elementos que auxiliam na construção de políticas de diversidade, os quais podem alimentar a implantação do quilombola. MIRANDA (2012, p. 379)

Este cenário nos mostra a coragem e desenvoltura dos educadores brasileiros que apesar das dificuldades e falta de formação específica tentam diariamente, da melhor forma possível propiciar aos seus alunos o melhor atendimento, dentro de suas limitações.

Percebemos várias relações entre comunidade escolar e comunidade quilombola, todas elas positivas, embora haja algumas dificuldades, porém as mesmas se dão mais por falta de estrutura a nível municipal do que a nível local da escola.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da investigação acerca das relações que se estabelecem entre as comunidades da Escola Municipal Sady Hammes e do Quilombo Rincão das Almas foram identificadas três categorias emergentes da análise realizada: Afetividade cultivada entre duas culturas; Relações culturais Quilombolas na Escola; A motivação educacional dos professores e os seus limites. Passamos a seguir, a descrição de cada uma dessas categorias e as conclusões da pesquisadora.

Quanto à afetividade cultivada entres as duas culturas percebemos, com base nas análises realizadas, que existem relações positivas de afetividade, respeito e admiração, entre o Quilombo de Rincão das Almas e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Sady Hammes, embora sempre haja espaço para estreitamento dessas relações percebo indicativo de que ambos caminham conjuntamente para que cada

vez mais haja sintonia e refinamento das mesmas.

As questões pertinentes à cultura dos Quilombolas estão inseridas no dia a dia da escola e dos professores, para alguns com maior proporção, para outros em menor proporção, mas definitivamente no dia a dia de todos, a Supervisão da escola faz questão de incluí-la nos planejamentos e vem obtendo considerável sucesso, assim como na rotina da escola.

Quanto as relações culturais Quilombolas na Escola a comunidade quilombola tem algumas das suas necessidades atendidas pela escola, no entanto, esperam ver mais de sua cultura como preservacionismo, cultivo, chás e benzimento inseridos na escola, mas entendem a dificuldade e agradecem pelo tanto que já avançaram e avançam diariamente.

Um fato interessante foi a ausência da relação de preconceito racial ou discriminação, tanto da parte dos professores para com o Quilombo e seus moradores quanto o contrário.

Quanto a motivação educacional dos professores e os seus limites a preocupação da Supervisão Escolar em atender esta comunidade da melhor maneira possível é visível, dentro de suas limitações, a preocupação dos professores em aproveitar os saberes culturais como ferramenta do ensino, inclusive repensando a questão quilombola se existe alguma proposta pedagógica para valorização da cultura local, é perceptível, assim como suas limitações.

Alguns professores sinalizam para a necessidade de um maior conhecimento a respeito da cultura quilombola e de como inserir sua cultura no cotidiano da escola. Demonstram a necessidade de maior qualificação.

Os professores e a Supervisão têm conhecimento da questão de escola em território quilombola, zona rural e procuram trabalhar de forma integrada abordando as questões do campo que atendem, em parte, as necessidades da comunidade quilombola, uma vez que os alunos quilombolas são oriundos da zona rural.

A supervisão reconhece que a escola é pertencente a território quilombola, orienta que os professores levem este fato em consideração no preparo de suas aulas, mas não lhes diz como fazer, dessa forma a educação quilombola em si não se faz presente de forma estruturada. Devido à falta de formação específica há dificuldades na abordagem dos temas pelos professores e supervisão; por mais boa vontade que tenham esta barreira sem a formação adequada é praticamente intransponível.



Com base nas relações observadas faço alguns apontamentos direcionados como sugestão a escola para tentar amenizar as dificuldades percebidas.

É importante, como a própria escola constatou, a inserção no PPP da escola, da informação de que a escola se situa em território quilombola e, a inclusão no processo pedagógico de questões relativas à essa cultura.

A partir dessa inclusão, é necessário que se busque junto à Secretaria Municipal de Educação e órgãos competentes a formação específica para os professores e material didático pedagógico para alunos e professores, considerando-se a especificidade e as necessidades da escola.

É, também, importante a criação de grupos de estudo e aprofundamento sobre o que significa educação quilombola e como deve ser trabalhada, bem como, estabelecer parcerias com Universidades e Instituições de ensino para que auxiliem nas formações ou dificuldades apresentadas pelos professores.

Neste estudo de caso, embora tenha conseguido responder algumas questões propostas pela pesquisa, algumas dúvidas permanecem e precisam ser aprofundadas; como é o caso da questão da pertinência ou não do conhecimento empírico local na proposta pedagógica da escola e a forma de inclusão, para tanto é necessário o debate e diálogo com a comunidade escolar e aprofundamento teórico científico sobre essas questões.

## REFERÊNCIAS

ARCHANJO. L.C.R. **As questões Étnico Raciais e a Educação Inclusiva**. Acessado em < <https://projetoquecabababys.wordpress.com/2010/11/07/as-questoes-etnico-raciais-e-a-escola-inclusiva/>> acesso em 07 de janeiro de 2018.

ARROYO, M. G. **Políticas de formação de educadores(as) do campo**. **Cadernos Cedex**, Campinas, CEDES, v. 27, n. 72, p. 157-176, 2007.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Decreto-lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Aprova a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 15 Junho. 2017.

BRANDÃO. C.R.B. **O que é educação**. Editora Brasiliense. São Paulo 1º edição 1981, 49º edição 2007.

IBGE. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em: <[HTTP://www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em 30/06/2017.

CAMARGO E SANTOS. C. P.S.A. **Reflexões sobre afetividade, educação de jovens e adultos – EJA e a teoria das representações sociais: Influências no processo de ensino-aprendizagem**. X Congresso Nacional de Educação EDUCERE, Pontifícia Universidade Católica do Paraná Curitiba de 7 a 10 de novembro de 2011.

CAPA - Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor/ MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Revelando os quilombos no Sul**. Pelotas: Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, 2010. p. 64.

Dicionário Michaelis on-line acesso em < <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/afetividade/>> acessado em 21 de dezembro de 2017.

FAZENDA, I. C. A (Org.). **Interdisciplinaridade: pensar, pesquisar e intervir**. São Paulo:Cortez, 2014.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.  
\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.  
\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.  
\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FURTADO, M.B, SUCUPIRA, R.L & ALVES, C.B. **Cultura Identidade e subjetividade quilombola: Uma leitura a partir da psicologia cultural**. Universidade de Brasília DF, 2014 pg. 107.\_\_\_\_\_. Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, **que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências**. Presidência da República [do Brasil], Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, [2003]. Disponível em: . Acesso em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)> 13/09/2017.

JANOARIO, R.S. **Gestão multicultural em educação**. 2008. 175 f.  
Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

LARCHERT, J.M e OLIVEIRA, M.W. **Panorama da Educação Quilombola no Brasil. Políticas educativas**, Porto Alegre, V.6, n2, p. 44-60. 2013.

LOPES, A. C. **Alfabetização científica: um questionamento do cientificismo**. Episteme, Porto Alegre, n. 12, p. 145-147, 2001.

LOPES, A. R. C. **Pluralismo cultural em políticas de currículo nacional**. In: MOREIRA, A.F. B. (Org.). **Currículo: políticas e práticas**. Campinas: Papyrus, 1999. p. 59-80.

MARTINS, H.H.T.S. **Metodologia Qualitativa de Pesquisa**. Educação e Pesquisa vol. 30, número 2 São Paulo 2004. Pg. 296.

MATURANA. H.M. **Cultura Patriarcal**. Ano 1993. Transcrição do tópico intitulado Cultura Patriarcal do capítulo Conversações Matrísticas e Patriarcais do livro de Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöllner (1993): Amor y Juego: Fundamentos Olvidados de lo Humano - Desde el patriarcado a la democracia, traduzido e publicado no Brasil como Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano - Do patriarcado à democracia (São Paulo: Palas Athena, 2004). Acessado em < [http://www.noos.org.br/userfiles/file/CulturaPatriarcal\(Maturana\).pdf](http://www.noos.org.br/userfiles/file/CulturaPatriarcal(Maturana).pdf)> acesso em 07 de janeiro de 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE). **Texto-referência para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação escolar quilombola**. Brasília, DF: CNE, 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares. **Comunidades de Remanescentes Quilombolas Tituladas**. Disponível em: [www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br). Acesso em 12/09/2017.

Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE). **Texto-referência para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação escolar quilombola**. Brasília, DF: CNE, 2011.

MIRANDA, S.A. **Educação Escolar Quilombola em Minas Gerais: entre Ausências e Emergências**. Revista Brasileira de Educação Vol. 17 nº 50, 2012. pag. 369 a 383.

NASCIMENTO. O.S.N. **PROPOSTA DE EDUCAÇÃO QUILOMBOLA PARA AS ESCOLAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO SAPÊ DO NORTE**. Universidade Federal do Espírito Santo. (s/d)

NUNES. G.H.L.N. **Educação Quilombola. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Bras. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006.

PINHEIRO. P.S. **Comunidades Quilombolas nas Regiões das Antigas Charqueadas: Territórios Negros e Políticas Públicas no Município de São Lourenço do Sul, RS.** Cadernos do Lepaarq Volume. XI , nº. 22 ano 2014

Portal do MEC. **Educação Quilombola** – Apresentação. Acesso em <, [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12396:educacao-quilombola-apresentacao&catid=321:educacao-quilombola&Itemid=684](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12396:educacao-quilombola-apresentacao&catid=321:educacao-quilombola&Itemid=684)> acessado em 03 de dezembro de 2016.

REGINATTO. R.R. **A importância da Afetividade no desenvolvimento e aprendizagem.** Revista de Educação do IDEAU (REI) Vol. 8 – Nº. 18 julho a dezembro de 2013 semestral.

**Relatório da situação da infância e adolescência brasileiras. Diversidade e equidade: pela garantia dos direitos de cada criança e adolescente.** Unicef, Brasília, DF, [2003]. Disponível em: [http://www.unicef.org/brazil/pt/siab03\\_1.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/siab03_1.pdf)>. Acesso em: 10/09/2017.

RUBERT, R. **Comunidades Negras Rurais do RS: Um levantamento sócio antropológico preliminar.** Porto Alegre: Secretaria de Agricultura e abastecimento do Estado do Rio Grande do Sul/RS RURAL; Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura – IICA, 2005.

SALLA.F.S. **O conceito de afetividade de Henri Wallon.** 2011. Acessado em < <https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>> acesso em 21 de dezembro de 2018.

SILVA, D. J. **Educação Quilombola: Um direito a ser efetivado.** Edição: Centro de Cultura Luiz Freire - Aldenice Teixeira Instituto Sumaúma - Maria das Dores Barros (S/D).

SILVA. P.B.G.S. **Aprender, ensinar e relações Étnico-Raciais no Brasil.** Artigo aprovado em Dezembro de 2006 Universidade Federal de São Carlos. Educação Porto Alegre/ RS ano XXX, n3 (63) , p. 489 a 506, Dez 2007.

SILVA .P.B.G. E S. **Aprender, ensinar e relações étnicorraciais** ...\*<https://www.google.com.br/search?q=quest%C3%B5es+etnicoraciais+e+apndizagem&oq=quest%C3%B5es+etnicoraciais+e+aprendizagem&aqs=chrome..69i57.19200j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8> capturado na Internet em 21/12/2017

VERRANGIA, D. SILVA, P.B.G **Cidadania Relações Étnico Raciais e Educação: desafio e potencialidades do ensino de ciências.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v 36, n3, p. 705-718, set/dez 2010.

Wallon, H. (1941-1995). **A evolução psicológica da criança.** Lisboa, Edições 70.

\_\_\_\_\_ (1959-1975). **Psicologia e educação da infância.** Lisboa, Estampa.